

Literatura Brasileira Contemporânea

Brasília, primeira quinzena de maio de 1997 - ano I, nº 2.

boletim

A estátua no sofá

André Matias Nepomuceno

Uma noite em Curitiba - Cristovão Tezza. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

dilemas existenciais da classe média. Eis o tema por excelência que o autor explora no conjunto de sua obra, ambientada na contraditória Curitiba contemporânea, metrópole, mas algo particularmente província, não fugindo à regra o romance em tela.

Engenhosamente concebido, o livro é escrito "por dinheiro" e, ao mesmo tempo, como "contribuição social" objetiva pelo jovem, e bastante problemático, filho do professor Rennon. Sua tarefa é revelar à cidade inteira o controverso retrato de seu pai. No entanto, sua função é prioritariamente organizativa, posto que o centro da narrativa é exposto por via das cartas - a uma tardiamente reaparecida amante - que o pai deixou, sorratamente copiadas do arquivo pessoal no computador.

É principalmente através delas que se desvenda a trajetória crucial desse reconhecido historiador, com sólida reputação acadêmica, família estabelecida (apesar das vicissitudes que atacam os filhos...) e vida social regrada e respeitavelmente "normal".

Situado entre um inesperado assassinato no passado e o anônimo futuro suicídio, seu percurso indicia a contradição entre a fidelidade ao desejo e a estabilidade confortável mas relativamente estéril obtida com o estilo de vida classe média: profissão, família, patrimônio, rotina automatizada etc.

O ingrediente diferencial, aqui, é a capacidade intelectual do professor, bem como a sensibilidade oculta, revelando através das cartas a dramática auto-consciência que possuía de sua condição absurda e alienada de vida.

Ao reencontrar, 25 anos depois, sua primeira paixão (Maria, companheira militante da organização de esquerda revolucionária, cúmplice do assassinato inusitado de um policial, na época da ditadura, motivo pelo qual veio parar em Curitiba, numa guinada "nem tanto à direita, mas para lugar nenhum"...), transformada na mundana atriz Sara Donovan, ele relata o choque que termina por abalar toda a sua estruturação de vida.

É nesse processo que reside o núcleo do conteúdo temático, uma vez que, aí, são colocadas em jogo as tensões decorrentes do confronto entre o preço da rotina

mediocridade institucionalizada e o custo da arriscada ruptura existencial em busca da paixão, da expressão liberta do desejo.

Nesse movimento intempestivo o professor encontra a felicidade possível; no entanto, o que para ele constituía-se numa radical escolha iconoclasta, para Sara D. não ia além de amizade colorida, sincera, porém efêmera e encerrada "em paz e de comum acordo".

Largado em São Paulo, o professor não tinha caminho de volta e se suicida prosaicamente, pulando de um quarto de hotel, deixando um lacônico bilhete de uma só palavra: "acabou".

Entre o perfil retilíneo do memorável acadêmico, homem "travado" mas extremamente lúcido de sua própria condição, e a mulher de múltiplas e contínuas experiências, porém sem centralidade profunda, desenrolam-se diversos aspectos e questionamentos acerca do paradoxo dramaticamente vivido pela individualidade de classe média ainda não totalmente padronizada no dia-a-dia institucionalizado: render-se a um modo de vida "normal", aparentemente bem-sucedido mas, no fundo, aniquilador das potencialidades vitais, por exigir o congelamento, a compartimentalização, do desejo dentro de papéis conservadores socialmente determinados; ou lançar-se à temeridade algo irracional de um modo de vida paroxístico, embora, afinal, frustrante, por não conseguir estabelecer satisfatoriamente a ponte com realizações mais densas do desejo, por necessitar do estímulo artificial contínuo de novas experiências que se revelam, ao cabo, meros simulacros de novidade?

A "fraca" tragédia cotidiana vivenciada pelo prof. Rennon, em que pese beirar às vezes o caricatural, fracassa em encontrar a solução do seu drama.

Entretanto, o seu relato narrativo obtém irrecusável sucesso ao arquitetar uma pergunta da qual o leitor honesto não pode se esquivar impunemente: como encontrar o ponto de equilíbrio entre inteligência e paixão, num modo de vida que predominantemente exige comportamentos mecanizados e fidelidade costumeira a instituições que tendem a esterilizar o desejo? em meio a uma malha de rotina em que impera a incomunicabilidade emocional?

Ler este romance certamente não define solução. Contudo, identificar-se com a formatação da dúvida é sempre um passo adiante, enquanto o problema concreto de traduzir o texto na vida ganha fôlego para resistir às insidiosas investidas da pusilanidade.

André Matias Nepomuceno é mestrando em Teoria Literária na Universidade de Brasília.



arte sobre original de Magritte

UMA NOITE EM CURITIBA

Uma autoria ambígua

Regina Dalcastagnè

Desde o dia em que Bentinho se transformou em Dom Casmurro e passou a narrar seu drama, o leitor brasileiro teve que abandonar a confortável situação de testemunha crédula. Rompido o pacto da "suspensão da descrença", resta-nos o tenso diálogo com um narrador que, se por um lado se afirma como farsa, por outro tenta nos cooptar pela "franqueza" e expansão de seus sentimentos. Até hoje muitos são capturados pela armadilha discursiva de *Dom Casmurro*. E outros tantos, cientes das regras (ou da falta delas), passeiam com alguma desenvoltura por seus labirintos, recuperando o prazer do jogo.

Em *Uma noite em Curitiba*, Cristovão Tezza monta outro tabuleiro e convida o leitor para um novo enfrentamento. Dessa vez, vamos acompanhar os movimentos de um jovem que escreve um livro para desvendar o pai a partir de suas cartas - primeiro reservadas, depois ridículas, "como todas as cartas de amor" - a uma atriz de telenovelas. Inveja, vingança, revolta justificada de um filho abandonado, vontade irrefreável de compreender o pai, o móvel para a escrita não será discutido aqui. Só a maneira como foram distribuídas as peças (e como algumas delas parecem ter sido estrategicamente surrupiadas).

Ao contrário do que se pode acreditar partindo de uma leitura ingênua - onde se vê um jovem frágil e angustiado tentando desesperadamente alcançar o verdadeiro rosto do pai - o dono do jogo, no romance, é quem constrói a narrativa, quem dispõe das cartas, quem dá "ao inferno dos fatos, uma interpretação", ou seja, o filho. Desde o início, o rapaz alerta que o pai tinha a dimensão de uma estátua de bronze e que ele próprio não podia ver uma estátua sem fantasiar um modo de derrubá-la. Por que acreditamos no retrato de um homem desenhado por alguém que já confessa estar aí para destruir sua imagem? Talvez porque, ao dizer isso, ele esteja nos falando de sua sinceridade. E se é sincero nessa hora, porque não confiar no que vem a seguir? Pronto, estamos enredados.

A partir daí, passamos a legitimar o discurso do filho, passamos a ver como fato o que é construção. E mesmo que de vez em quando ele volte a pôr em dúvida suas palavras (como quando lembra que cartas não são uma fonte muito confiável), já estaremos comprometidos com o seu ponto de vista, já seremos, de alguma forma, seus cúmplices. Mas o buraco da peça roubada ficará sempre ali, visível, dizendo que estamos sendo logrados. A farsa é montada como farsa. O engano tem de estar patente, mesmo que não aceitemos vê-lo. Mas se quisermos mais do que assistir ou ser engolidos pelo jogo, podemos fazer algumas investidas, cercar a peça chave.

Jogar no tabuleiro de Cristovão Tezza implica atacar por todos os lados - as peças, ali, não se movem numa única direção. Se é o filho quem organiza o livro, por que acreditar que ele não distorceu os acontecimentos que

narra? Por que não imaginar que ele possa ter feito alguma intervenção no texto do pai? Quem me garante que não foi ele próprio quem inventou algumas das cartas... quem sabe todas elas? Os textos possuem semelhanças estilísticas - o mesmo tipo de humor, igual ironia, ênfase semelhante - e calculadas diferenças de tom. Por que deveria acreditar na existência concreta desse pai que vez ou outra se diz um homem textual?

Mas, por outro lado, empurrando outra peça, quem me garante a existência concreta desse filho que bate com suas asas de morcego pelas paredes e transforma tudo que vê em poesia? Texto, ele também. Quem o escreve? O pai, tentando se enxergar pelo olho do filho?

Talvez sejam apenas dois discursos que são o mesmo e não conseguem dialogar entre si - talvez não passem da expressão angustiada de uma cisão individual, de uma necessidade de ser e se ver no mundo, na vida para além do texto.

Regina Dalcastagnè é professora de Literatura Brasileira da Universidade de Brasília.

Correção de e-mail

As mensagens enviadas para o endereço eletrônico rdal@guarany.unb.br, divulgado nas edições anteriores de *Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim*, não estão chegando aos destinatários devido a problemas no servidor de internet da Universidade de Brasília. Para entrar em contato com o GT, o endereço correto é rdal@guarany.cpd.unb.br

Sexta, dia 16 de maio

A figura materna em cinco contos brasileiros

Na próxima reunião do GT, serão discutidos os contos "Mãe", de Domingos Pellegrini Jr.; "Meninão do caixote", de João Antônio; "Menina", de Ivan Ângelo; "Cumplicidade", de Victor Giudice; e "Uma branca sombra pálida", de Lygia Fagundes Telles.

Sexta, 16 de maio, às 16 hs., na sala B1-242 (ICC Centro).

Os textos estão no xerox do CALET
NÃO PERCA!

Obras para os próximos encontros:

- 30/5 - *Uma história de família*, de Silviano Santiago
- 13/6 - *Perversas famílias*, de L. A. de Assis Brasil
- 27/6 - *Ópera dos mortos*, de Autran Dourado
- 11/7 - *Bandoleiros*, de João Gilberto Noll

Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim é um informe quinzenal do GT Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília. Correspondência para: GT Literatura Brasileira Contemporânea, A/C Profª Regina Dalcastagnè, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, CEP 70910-900 - Brasília - DF; e-mail: rdal@guarany.cpd.unb.br